

# O gênero narrativo na linguagem de crianças com alterações neurológicas

(The narrative gender in the language of children with neurological impairments)

Evani Andreatta Amaral Camargo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP)

evaniamaral@gmail.com

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the narrative of children with linguistic difficulties due to neurological impairments, considering the discursive intention and the dialogical interactions in the speech therapy process. The theoretical perspective in this study is based on the enunciative-discursive approach, which states that language occurs in social interactions and is constitutive of subjects. The selected data of two children were collected by video recording in speech therapy meetings. The narratives (or the attempts of narratives) are dialogically built between child and therapist. Although children are not considered independent narrative tellers, they use non-verbal enunciation (by the use of deixis, gestural and/or facial expressions etc.), in order to make it “reportable”, from what is inferred the importance of the discursive intention and the constitutive incompleteness of meaning.

**Keywords:** enunciative-discursive approach; narrative; language alterations.

**Resumo:** O objetivo deste texto é analisar a narrativa de crianças com dificuldades linguísticas decorrentes de acometimentos neurológicos, levando-se em conta o intuito discursivo e as interações dialógicas em um processo fonoaudiológico. A perspectiva teórica é que a linguagem ocorre nas interações sociais, é constitutiva dos sujeitos, numa abordagem enunciativo-discursiva. Os dados selecionados são de duas crianças e foram constituídos a partir de vídeo-gravações de atendimentos fonoaudiológicos. As narrativas (ou tentativas de narrar) são dialogicamente construídas pelas crianças e terapeutas e, embora as crianças não sejam narradoras independentes, utilizam-se de enunciados não-verbais (por meio de dêiticos, expressões gestuais e/ou faciais etc.), para que as mesmas sejam reportáveis, inferindo-se aí a importância do intuito discursivo e do inacabamento constituinte dos sentidos.

**Palavras-chave:** abordagem enunciativo-discursiva; narrativa; alteração de linguagem.

## Introdução

Este texto apresenta uma reflexão sobre a narrativa de crianças com alterações linguísticas decorrentes de acometimentos neurológicos, em um processo fonoaudiológico. A perspectiva teórica baseia-se na premissa de que a linguagem ocorre nas interações sociais e é constitutiva dos sujeitos, numa abordagem enunciativo-discursiva. Para Bakhtin (1995; 1997), nessa perspectiva, só podemos nos constituir enquanto sujeitos ao tomarmos consciência que não somos o outro. Em outras palavras, a alteridade define o homem. Para esse autor, cada sujeito só existe na relação com seus interlocutores a partir das interações sociais. Portanto, é na interlocução que se dá a produção dos sentidos, que se formam nos espaços discursivos, constituídos socialmente em um determinado momento histórico. Dessa forma, o sentido e o sujeito são sempre indeterminados e se completam no processo de interlocução, no espaço discursivo e pela historicidade da linguagem (GERALDI, 1997).

Desse modo, se as argumentações e os próprios sujeitos vão se constituindo nas sucessivas interações, pode-se presumir que a subjetividade se forma pelos “olhos dos

outros”. Como afirma Bakhtin: “Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos, e o acontecimento último, aquele que nos parece resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida” (BAKHTIN, 1997, p. 37). Assim, quero enfatizar o privilégio das interações dialógicas nas reflexões tematizadas neste texto.

Ainda para esse autor, a enunciação realiza-se nos enunciados concretos. Esses enunciados, embora possam ser considerados isoladamente, fazem parte de tipos relativamente estáveis de grupos de enunciados, ligados a uma esfera de utilização da língua, que Bakhtin (1997) denomina “gêneros do discurso”. Ao falar, os gêneros são utilizados pelos falantes de uma dada língua com segurança e destreza. Durante as interlocuções, moldam sua fala às formas precisas dos gêneros (político, religioso, amoroso etc.), que às vezes são padronizados e estereotipados e, outras vezes, mais maleáveis. Dominam-se os gêneros do discurso como se domina a língua materna, sem se aperceber. Isto é, sem nenhum domínio consciente da gramática ou conhecimento teórico, mas mediante enunciados concretos que são ouvidos e reproduzidos durante a comunicação verbal. Para Bakhtin, portanto, “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados” (1997, p. 302), e são os gêneros do discurso que organizam a fala e que permitem aos falantes compreender o todo discursivo da fala do interlocutor.

Embora haja uma heterogeneidade infinita de gêneros, o “querer dizer” (intuito discursivo) do locutor realiza-se por meio da escolha de um determinado gênero, pela especificidade da esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática, das necessidades dos interlocutores etc.

Dentre todos os gêneros que perpassam as interações em situações terapêuticas, neste artigo privilegio o trabalho com narrativas. Como se trata de narrativas de crianças com alterações de linguagem por acometimentos neurológicos, são fundamentais as reflexões de Vigotski (1989) a respeito de sujeitos com déficits orgânicos e sobre as possibilidades de compensação, a partir do grupo histórico-cultural. Assim, gostaria de apresentar a posição do autor a respeito do que ele denomina de *Defectologia*, texto em que argumenta que são as significações feitas pelos pares sociais desses indivíduos que os auxiliam no resgate de sua subjetividade.

Segundo Vigotski, as atividades psíquicas realizam-se no processo do desenvolvimento social da criança, na inter-relação com o meio social circundante e com a colaboração deste, resultando nas funções superiores da atividade intelectual. No caso da pessoa com deficiência, as funções elementares é que se encontram com o desenvolvimento insuficiente, tendo em vista que decorrem diretamente de algum órgão afetado, tendo como consequência o desenvolvimento insuficiente das funções superiores que seria, portanto, um fenômeno secundário. Para Vigotski, as maiores possibilidades para o desenvolvimento da criança com deficiência se encontram mais na esfera das funções psíquicas superiores do que na esfera das funções psíquicas elementares. Sendo assim, é essencial perceber que o desenvolvimento insuficiente dos processos superiores está condicionado de forma secundária à deficiência enquanto fenômeno biológico e, por isso, os esforços dos processos terapêuticos, com o objetivo de romper a cadeia em seu ponto mais crítico, estão diretamente relacionados às atividades coletivas que circundam o indivíduo.

Para a discussão acerca da estrutura e das funções das narrativas das crianças, privilegiei as interações dialógicas e parto inicialmente da definição de Labov (1972): um modo de recapitular experiências passadas em uma sequência verbal de proposições “na mesma ordem de ocorrência dos eventos”. A estrutura da narrativa, na perspectiva laboviana, é composta de: resumo; orientação; ação complicadora; evolução; avaliação; resolução e finalização. Não tratarei, neste trabalho, de todos os aspectos. Destaco apenas aqueles que estão diretamente relacionados às análises dos dados que foram selecionados e que apresentarei mais adiante, iniciando por aquele que o autor denomina “avaliação”.

A avaliação traz o posicionamento pessoal do narrador. Esse autor argumenta que ela pode ocorrer em um momento determinado ou perpassar toda a narrativa. Aqui é possível fazer uma co-relação com o ‘querer dizer’ da teoria bakhtiniana. É o momento em que a voz do sujeito que narra pode ser identificada. Não é à toa que os falantes escolhem determinados fatos ou histórias para narrar, como também não é à toa que marcam determinadas passagens de tais relatos. Nos processos terapêuticos, é preciso identificar o que os sujeitos narram e aquilo que apagam de histórias ou de fatos vividos e o porquê dessas escolhas. O momento de avaliação tem ainda a função de informar a carga dramática da situação. A *reportabilidade* é fundamental, tanto para caracterizar a narrativa, quanto por possibilitar que sujeitos manifestem sua subjetividade. O conceito de “intuito discursivo”, da teoria bakhtiniana, também é essencial para a análise linguística das crianças deste estudo. A partir disso, abre-se também uma possibilidade para se trabalhar com as dificuldades propriamente linguísticas. Entra aqui o papel do fonoaudiólogo, que passa a interagir com esses sujeitos com alterações de linguagem.

A narrativa, como gênero discursivo, reorganiza a memória, retomando os eventos vivenciados ou as histórias conhecidas e recontadas. É um dos primeiros gêneros que a criança lança mão em seu desenvolvimento linguístico e um dos últimos que são perdidos no envelhecimento; daí o interesse em abordar tal gênero neste trabalho.

A partir das considerações teóricas acima, o objetivo deste texto é o de apresentar análises de narrativas de duas crianças com dificuldades linguísticas, decorrentes de acometimentos neurológicos, levando-se em conta o intuito discursivo (querer dizer) e as interações dialógicas, em um processo de acompanhamento fonoaudiológico.

### **Aspectos metodológicos**

Os dados selecionados para este texto emergiram de atendimentos fonoaudiológicos realizados em uma clínica-escola, vídeo-gravados. Participaram desse trabalho dois sujeitos do sexo feminino, de 7 e 10 anos: **Le**, menina de 10 anos de idade, com alteração de linguagem e diagnóstico neurológico de dispraxia fonoarticulatória, e **Al**, menina de 7 anos de idade, com atraso de linguagem e hipótese diagnóstica neurológica de atraso global de desenvolvimento. Os dois episódios aqui apresentados foram constituídos a partir de recortes da fala da criança com a terapeuta, em atividades com narrativas de histórias infantis e de fatos vivenciados, a partir das sessões fonoaudiológicas que ocorriam

semanalmente. A transcrição da fala das crianças foi feita com base no sistema estabelecido pelo BDN (Banco de Dados de Neurolinguística).<sup>1</sup>

Nas análises dos dados, realizadas em uma perspectiva qualitativa, consideramos as características do desempenho narrativo apontadas por Labov (1972), ampliadas e discutidas por Perroni (1992), por tratar-se de linguagem em desenvolvimento: relato do inédito, dependência temporal entre um evento e outro e o uso dos verbos no tempo passado; bem como as interações dialógicas estabelecidas entre a(s) criança(s) e o(s) adulto (s). O uso de outros processos de significação, gestos, desenho e escrita, também foram considerados para as análises.

Também foram levados em conta o *intuito discursivo* (querer dizer) dos interlocutores, a *motivação* (HANKE, 2003) das crianças, bem como o conceito de *reportabilidade*.

### Análise dos dados

A seguir, apresento um episódio de cada criança, com a respectiva análise:

#### Criança 1, Le, Episódio 1, ocorrido em 14/09/2005

Contexto: Nas férias, Le foi ao sítio de um tio e já havia feito um relato anterior sobre o fato para a terapeuta. No episódio apresentado, a mesma retomou o que foi contado pela criança para que depois pudessem escrever no ‘livro da vida’. Essa é uma atividade proposta, em que é montado um livro pela criança e pelo adulto, para que a criança registre suas vivências por desenhos ou pela escrita.

Quadro 1 – Episódio da Criança Le

N. da linha	Sigla do locutor	Transcrição da Fala	Observação sobre a condição de produção do enunciado verbal	Observação sobre a condição de produção do enunciado não verbal
1	Ter	O que você fez nas férias?		
2	Le	Sítio!		
3	Ter	Isso. Você contou um monte de coisa que você fez pra mim lá no sítio.		
4	Le	Sabe nenhuma.		
5	Ter	Você fez um monte...		
6	Le	Já esqueci.		Interrompendo a Ter e apontando o dedo indicador para sua própria cabeça, num gesto indicando esquecimento.

<sup>1</sup> Este modelo de Banco de Dados foi elaborado por um grupo de pesquisadores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP, coordenado pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, para análise da linguagem de sujeitos cérebro-lesados. A tabela está dividida em 5 colunas: 1. numeração do turno de fala; 2. sigla do locutor; 3. transcrição da fala, de forma ortográfica; 4. observação sobre a condição de produção do enunciado verbal; 5. observação sobre a condição de produção do enunciado não verbal.

7	Ter	Você foi no sítio do seu tio, não é?		
8	Le	Doi vei. Trei vei .	Eleva a intensidade de voz	Faz três com os dedos
9	Ter	E daí, que mais aconteceu lá? O que você fazia lá?		
10	Le	Poco.		
11	Ter	Lá tinha porco?		
12	Le	Tem.		
13	Ter	Que mais que tinha lá?		
14	Le	Cavalo.		
15	Ter	Cavalo.		
16	Le	Boi, vaca .... cachorro.	faz uma pausa	
17	Ter	Tinha cachorro também?		
18	Le	Tem todo assim nenê		Esticando a mão a uma certa altura do chão, demonstrando a altura dos cachorros.
19	Ter	Mais que tamanho, é?		
20	Le	Assim, ó.	Sorri	Faz o mesmo gesto com as mãos, mas agora aproxima mais a mão do chão, indicando a pequena altura dos cachorros
21	Ter	Ah bom! Você mostrou assim; eu achei que era nenê grande desse jeito.		Coloca a mão a uma certa altura do chão.
22	Le	É nenê assim	Rindo	Faz o mesmo gesto que a Ter, com a mão mais próxima ao chão
23	Ter	E era assim pequenininho E era branquinho ou pretinho?		Mãos paralelas a uma certa distância, demarcando um tamanho.
24	Le	Sete homi e seisi moça.	Faz pausa para pensar	
25	Ter	Sete homens e quantas moças?		
26	Le	Oito.	Fala de difícil compreensão para o interlocutor	

(Legenda: Le – a primeira criança cuja narrativa está sendo analisada; Ter – a terapeuta que acompanha a criança)

Depois de resgatar o fato vivenciado por Le no sítio de seu tio, a criança, juntamente com a Ter, escreve tal fato no "livro da vida" (Fig. 1).

Segue a produção escrita de Le:



**Quadro 2 - Continuação do Episódio**

27	Ter	O que você vai escrever então aí?		
28	Le	Casa		
29	Ter	Mas você vai escrever só casa, assim?		
30	Le	Boi		
31	Ter	Vamos colocar que nas férias, você vai colocar assim, oh! Nas férias eu fui no sítio do meu tio, não foi?		
32	Le	Foi!		
33	Ter	Então vamos escrever a frase, né?		
34	Le	Fui sítio		Fala enquanto escreve
35	Ter	Então vamos ver lá, quem que foi no sítio do tio? Foi você, não foi?		
36	Le	É.		
37	Ter	Então cadê, oh? Eu fui no sítio do meu tio..., vamos escrever a frase, lembra que a gente tinha combinado aqui?		
38	Le	Hum?		
39	Ter	Eu expliquei pra você, não expliquei? Que pra gente escrever tem que formar um texto. Aí eu...		
40	Le	Fui sítio tiu		fala enquanto escreve
.....				
41	Ter	Só, e daí, que você fazia? Você brincava com os bichos? Você andava a cavalo?		
42	Le	Sim!		
43	Ter	É gostoso, né?		
44	Le	Eu sabo!		
45	Ter	Você sabe!		
46	Le			Faz sinal afirmativo com a cabeça.

Embora o tema da interação verbal tenha sido dado pela terapeuta, Le manteve-se no tópico durante todo o episódio. A narrativa foi dialogicamente construída pelos dois participantes da interlocução, sendo que a criança narrou o fato inédito (turnos 2, 10, 18, 34 e 40), demonstrando ter tido uma intenção comunicativa, apesar de não ter apresentado o encadeamento de dois eventos. Todos os inéditos foram disparados a partir de perguntas da terapeuta ou pela reflexão sobre a escrita. Além disso, a criança apresenta verbos no passado, que é uma das características do narrar.

A menina usa gestos representativos e de apontar, juntamente com a oralidade, para se fazer compreender, sendo suas tentativas de narrar construídas dialogicamente com a terapeuta. Há a escolha da criança, dentro do tema em questão, sobre o que acha importante trazer à tona, ou seja, a *reportabilidade*, como pode ser verificado no turno 18: ‘Todo nenê assim’ juntamente com o gesto.

Além do uso dos gestos, a escrita, outro processo de significação, foi fundamental para a organização da narrativa. Verifico que tal processo apresenta características mais estruturadas do que a oralidade nessa criança com dispraxia fonoarticulatória. Há frases completas construídas e ela produz um texto em forma de lista. Ao se retomar os turnos 34 e 40, ‘fui sítiu’ e ‘fui sítiu tio’, respectivamente, concluímos que a escrita está sendo fundamental para que Le vá complementando sua oralidade. Dessa forma, esse outro processo de significação está permitindo que, de um lado, a oralidade se estruture e que, de outro, o querer dizer e a subjetividade dessa criança possam se manifestar e possam ser compreendidos pelo interlocutor.

A terapeuta foi fundamental para o processo de narrar de Le: o tema é por ela proposto, bem como várias perguntas que são feitas. Verifico também que a criança parecia não estar muito motivada para essa narrativa, talvez porque já a tivesse narrado em um momento anterior.

### **Criança 2, Ale, – Episódio 2, ocorrido em 23/11/05**

Contexto: A terapeuta contava a história *O patinho feio*, com um livro rico em ilustrações.

**Quadro 3: Episódio da Criança Ale**

<b>N. da linha</b>	<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição da Fala</b>	<b>Observação sobre a condição de produção do enunciado verbal</b>	<b>Observação sobre a condição de produção do enunciado não verbal</b>
1	Ter	Só um dos ovos, o maior de todos...		
2	Ale	Aao!	Interrompe a Ter	Aponta os ovos que estão na figura do livro
3	Ter	Olha lá, que grandão!		Aponta o desenho do ovo no livro
....				
4	Ter	Enfim, o ovo diferente quebrou!		
5	Ale		Fala incompreensível	Aponta a ilustração do ovo
6	Ter	É esse daqui! O ovo quebrou a casca!		Aponta para a mesma ilustração do livro
7	Ale		Fala incompreensível	Volta para a página anterior do livro, aponta o desenho do ovo
8	Ter	É daqui! Isso!		Olha para a ilustração que Ale apontava

(Legenda: Ale – a segunda criança cuja narrativa está sendo analisada; Ter – a terapeuta que acompanha a criança)

Após o relato da história *O patinho feio*, a criança fez um desenho sobre a mesma:



Figura 2: Os ovos da pata

Quadro 4 - Continuação do Episódio

9	Ale	Bei!	Dirigindo-se à Ter	
10	Ter	Olha só, ela desenhou um monte de ovo colorido!		
11	Ale	Chá!		Ergue a folha que desenhou com as pontas dos dedos
12	Ter	Olha que bonito! Quantos ovos têm aí? Um monte! E a mamãe?		
13	Ale	Es...		Aponta a pata da capa do livro e pega o mesmo, para poder desenhar a pata
14	Ter	Essa aqui é a mamãe!		

A criança utiliza o gesto de apontar e as ilustrações do livro para participar do processo de interação, tentando relatar algo da história trabalhada em conjunto com a terapeuta, que vai completando as suas tentativas de oralidade. Verifica-se, então, que tais tentativas do relato da história são construídas dialogicamente. É a terapeuta que, através de perguntas ou de ‘pistas’, como o início de palavras, além da interpretação, vai tentando possibilitar o narrar, o que ainda não ocorre neste episódio.

As esferas do desenho e da gestualidade, ou seja, outros processos de significação, é o que permite à interlocutora que compreenda, mesmo que de forma incipiente, as intenções comunicativas (intuito discursivo) da criança ou as tentativas de relato. O desenho de Ale é representativo, demonstrando a compreensão (mesmo que parcial) em relação à

história. Esse outro processo de significação parece ter uma elaboração maior do que a oralidade nessa criança, possivelmente pelas dificuldades apresentadas em relação ao desenvolvimento linguístico.

Não se pode ainda falar de características orais da narrativa nesse episódio, já que a criança apresenta uma oralidade pouco compreensível para o interlocutor, tendo em vista que as alterações fonético-fonológicas são bastante significativas. Tais alterações, em vários turnos, impossibilitam que a terapeuta consiga interpretar o intuito discursivo, ou seja, o querer dizer da criança, nas palavras de Bakhtin (1997), verificando-se assim que, em sujeitos com patologias de linguagem, faltam os recursos da língua para que eles possam se fazer entender. Nesse momento, a dependência em relação ao papel do outro é bastante significativa, e o interlocutor tem que tentar compreender a intenção comunicativa da criança. Defendo que esse é um papel imprescindível dentro do processo terapêutico fonoaudiológico.

Aqui, gostaria de retomar a questão da Defectologia, de Vigotski (1989), em que o autor argumenta que, nos sujeitos que apresentam um déficit orgânico, se torna muito importante o papel do grupo social que irá interferir no processo de desenvolvimento das funções mentais superiores. Neste episódio, o representante do grupo social é a terapeuta que, então, deve lançar mão dos outros processos de significação (gestos e desenho) para tentar compreender o intuito discursivo da criança em seu narrar.

## **Discussões finais**

A linguagem é, por princípio, dialógica, e a significação só é construída nas interações verbais. Pude verificar com este trabalho, mais uma vez, que o papel do outro – o parceiro da comunicação –, nas palavras de Bakhtin (1997), é ainda mais fundamental, na linguagem nas patologias, à medida que este vai reorganizando os enunciados dos sujeitos. Assim, a interação dialógica foi imprescindível para o início do processo narrativo das crianças deste estudo.

As narrativas (ou tentativas de) são dialogicamente construídas pelas crianças e terapeutas, tendo em vista que elas ainda não são narradoras independentes; porém já tentam fazer uso da argumentação e tentam incluir fatos em suas narrativas para que as mesmas sejam “reportáveis”, inferindo-se aí a importância do intuito discursivo (querer dizer) e do inacabamento constituinte dos sentidos, estabelecidos na interação verbal.

A criança, como qualquer sujeito, elege para narrar aquilo que julga relevante. Segundo Labov (1972), retomado por Linde (1997, apud KUSCHNIR, 2007), é no processo de avaliação, pela argumentação e reportabilidade, que o sujeito manifesta sua posição. Eleger o que o falante quer narrar, a própria história ou fatos dentro de uma delas, é o que permite que o sujeito se manifeste. Ouso dizer, então, que este é o momento em que o intuito discursivo, o querer dizer de Bakhtin (1997) se faz presente. Apesar de as duas crianças deste estudo apresentarem a linguagem comprometida e estarem no processo inicial de desenvolvimento linguístico, é possível verificar indícios de reportabilidade nos episódios aqui trazidos, em que o querer dizer pode ser identificado. Como eu havia argumentado na introdução, reafirmo que esse pode ser o espaço em que o terapeuta reorganiza as possibilidades linguísticas da criança.

Pude identificar ainda que, nos episódios apresentados, a mesma narrativa foi explorada em outros processos de significação. A gestualidade, o desenho e a linguagem

escrita propiciaram, pela sua inter-relação, tal fato. Além disso, a motivação que ocorreu em diferentes atividades também foi fundamental, modificando o desempenho das crianças.

Na linguagem de sujeitos com alterações linguísticas, muitas vezes, faltam os recursos da língua e, então, há uma maior dependência da fala do outro, do papel do outro, bem como se torna fundamental lançar mão de outros processos de significação (gestos, desenho, escrita), já que é imprescindível o acesso a uma língua para se manifestar o intuito discursivo e para a constituição da subjetividade. Segundo Geraldi (1997), baseado em Bakhtin (1997), a língua não é um código, mas sim um processo de abstração que possibilita que a significação se estabeleça nos diferentes contextos. É, portanto, na enunciação, nos diversos gêneros discursivos que o querer dizer (e como consequência, a subjetividade) de fato vai poder ocorrer. Concluindo, em crianças com dificuldades linguísticas, o acesso à língua pode necessitar de outros caminhos (outros processos de significação) e é o outro da interação que vai dar condições para que isso ocorra.

Ao se defrontar com o intuito discursivo, o querer dizer do locutor (BAKHTIN, 1997), levanta-se a discussão se ele conseguiu, de fato, dizer o que realmente desejava. Bakhtin argumenta que “o tratamento exaustivo do objeto do sentido, do tema do enunciado, varia profundamente conforme a esfera da comunicação” (1997, p. 300). Isso configura-se com o que ele denomina de tratamento exaustivo do objeto de sentido, que juntamente com o querer dizer do locutor e as formas típicas de estruturação dos gêneros discursivos possibilitam o acabamento do enunciado e, portanto, a réplica do interlocutor. Tanto em sujeitos com dificuldades linguísticas, como em crianças no processo de desenvolvimento, o intuito discursivo e a exaustividade do objeto de sentido estão mais dependentes da fala do outro, fazendo com que o inacabamento constituinte da interlocução verbal também dependa mais do outro da comunicação. Daí a importância, nos processos terapêuticos, que se construa com os sujeitos os objetos de sentidos, atrelados aos seus intuítos discursivos. As duas crianças deste estudo demonstraram tais intuítos, pelas escolhas dos eventos dentro das narrativas que selecionaram.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1997.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1997.
- HANKE, M. Narrativas Oraís: formas e funções. *Contracampo*, Niterói, v. 9, p. 117-125, 2003.
- KUSCHNIR, A. N. Criando significados através dos gêneros: uma análise de narrativas no contexto acadêmico. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDO DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2007, Tubarão. Universidade do Sul de Santa Catarina *Anais...* Tubarão, 2007. p. 455-467.
- LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- PERRONI, M.C. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- VIGOTSKI, L.S. *Fundamentos da Defectologia*. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educacion, 1989.